

MATRIX: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Katia Alexandra dos Santos*
Francieli Lubina Kraiczek**

Resumo: Nosso mundo passa por diversos e constantes processos de transformação e o homem – via tecnologia – tem acompanhado a evolução dos tempos, (trans)formando-se também. No filme *Matrix*, fica evidente essa transformação e essa revolução tecnológica, com a introdução, em escala crescente, da informática e da robótica no mundo e na vida das pessoas. Neste trabalho, pretendemos desenvolver a análise de alguns enunciados do filme *Matrix*, de acordo com os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa. Também discutiremos o referido filme a partir do conceito de Ideologia e ainda conceituaremos as Formações discursivas (FD) e as relações de interdiscursividade e intradiscorso. Para isso, teóricos que abordam essa questão como Brandão (1996), Orlandi (2002), Chauí (1980) serão alicerces dessa pesquisa.

Palavras-chave: análise de discurso, ideologia, formações discursivas.

MATRIX: A DISCURSIVE ANALYSIS

Abstract: Our world has undergone various and constant transformation processes and men - through technology – have followed the evolution of time, trans(forming) as well. In the movie *Matrix*, it is evident that transformation and the technological revolution, with the introduction, in a growing scale, of the computer science and robotics in the world and people's lives. In this work, we intend to develop the analysis of some statements of the movie *Matrix*, according to the theories of the French stream of discourse analysis. We will also discuss such a movie from the concept of ideology, and even conceptualize the discursive formations (DF) and the relations of interdiscursivity and intradiscourse. For this, theorists that discuss this matter as Brandão (1996), Orlandi (2002), Chauí (1980) will be used in this research.

Keywords: discourse analysis, ideology, discursive formations.

Introdução

A contemporaneidade nos reserva um mundo no qual somos rodeados por máquinas programadas para nos trazerem conforto e praticidade, embora muitas vezes acabem nos substituindo. Assim como as máquinas, a ideologia também nos cerca, instituindo a nossa forma de ver o mundo, definindo-nos como parte integrante de um grupo, determinando como e o que devemos ser, o que devemos fazer e, principalmente, o que podemos dizer. No filme *Matrix*,

foco de análise deste artigo, é evidente a presença de uma ideologia das classes dominantes, metaforizada na própria Matrix, programa de computador que simula a existência das pessoas e cria um mundo virtual. O conceito marxista de ideologia apresenta-a como “um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas idéias passem a ser idéias de todos” (CHAUÍ, 1980, p. 105), em outras palavras, a ideologia é o que separa a produção das ideias da condição social/material em que são produzidas, ou seja, é a separação entre a classe dominante e a classe dominada, em que prevalecem sempre as ideias da primeira.

O filme *Matrix* foi produzido em 1999 pelos irmãos Wachowski e pertence ao gênero de ação e ficção científica. Apresenta como tema a luta de um grupo de pessoas, no ano de 2200, para tentar se libertar do domínio das máquinas, as quais teriam sofrido uma grande evolução e estariam no comando da Terra. Sendo assim, ficam evidentes as condições de produção de *Matrix*, pois o tema “domínio das máquinas” tem relação com o ano de produção da obra cinematográfica, 1999, quando o mundo passou por um grande avanço tecnológico, as máquinas começaram a substituir o homem nas fábricas e também surgiu o chamado *bug* do milênio, termo usado para se referir aos possíveis problemas que ocorreriam nos sistemas de computadores quando se chegasse ao ano 2000.

Ocorreu que, no início da implantação da informática no mundo, a memória dos computadores era muito cara e para economizar esse espaço, os engenheiros da época começaram a abreviar tudo o que era possível, inclusive os dois primeiros dígitos de todos os anos do século XX. Porém não pensaram no fato de que, com a passagem do ano de 1999 para 2000, os computadores não entenderiam que 00 é maior que 99 e, conseqüentemente, 00 significaria 1900 e não 2000.

Devido a essa economia de memória, inúmeros problemas seriam ocasionados, além dos gastos excessivos que os países mais informatizados teriam para resolver essa questão alarmante. Com isso, o mundo estava se preparando para o pior, para o “fim do mundo”¹, pois sem sistema computacional o comércio pararia e a população estaria sem dinheiro e sem mantimentos. Alguns países até chegaram a aconselhar que as pessoas estocassem dinheiro e alimento suficientes para duas semanas de dificuldades. Esse assunto gerou muita polêmica, dando origem a vários filmes como no caso de *Matrix* e outros como, por exemplo, *A Rede*, lançado em 1995 e dirigido por Irwin Winkler, e *Dia da Independência*, do ano de 1996 com direção de Roland Emmerich.

Tendo apresentado sumariamente algumas questões motivadoras do filme e também responsáveis pelo nosso interesse pela temática, pretendemos com este artigo contribuir para o entendimento das várias possibilidades de compreensão e interpretação de um objeto simbólico multifacetado, tal como o que aqui apresentamos. Nossa análise parte das relações intratextuais e interdiscursivas, relacionando o dito com o não dito e com o interdiscurso (conceitos que serão discutidos posteriormente). Dessa forma, tencionamos compreender os efeitos de sentido produzidos pelo filme, procurando, assim, levar a uma maior reflexão por parte do leitor ou telespectador. A partir dessa análise dos elementos discursivos, podemos propor uma reflexão acerca de como eles funcionam no texto, (re) produzindo a ideologia.

A noção de discurso

Como propomos analisar o filme *Matrix* tendo em vista os diversos discursos que circulam no mesmo, consideramos importante fazermos uma breve introdução acerca da Análise do Discurso de linha francesa e seus principais pressupostos.

Em se tratando de comunicação, estamos acostumados com um modelo elementar que é composto de elementos como: emissor, receptor, código, referente e mensagem (Teoria da Comunicação)²; ou seja, o emissor transmite ao receptor uma mensagem em forma de código com um referente estipulado. A comunicação, por esse esquema, é linear.

Contudo, a Análise de Discurso (doravante AD) não vê a linguagem dessa forma: como uma mera transmissão de informações, em que exista essa seqüência em que um fala e o outro decodifica o enunciado, mas a AD considera esse processo como produção de sentidos. Pois *“as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados”* (ORLANDI, 2002, p. 15), portanto temos o discurso como *“efeito de sentido entre interlocutores”* (Pêcheux, *apud* ORLANDI, 2002, p. 21), mediação entre o homem e sua realidade, ou seja, *“com o estudo do discurso observa-se o homem falando”* (ORLANDI, 2002, p. 15).

Conforme vimos acima, o discurso é visto como produção de sentidos entre os interlocutores, levando-se em conta, então, o processo e as condições de produção desse dizer e a relação da língua com o sujeito que a pratica, pois o discurso é um objeto sócio-histórico abrangente em que sociedade e história são dependentes uma da outra e ambas constituem o discurso. Sendo assim, temos a linguagem ligada diretamente à sua exterioridade originando a

relação entre língua, discurso e ideologia, ou seja, “*não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido*” (PÊCHEUX *apud* ORLANDI, 2002, p. 17), pois a concretização da ideologia está no discurso e a do discurso está na língua que só é manifestada se houver um sujeito, o qual só existe em função de uma ideologia que o cerca. Enfim, esse processo transforma-se em um ciclo, em que um elemento depende do outro para existir, ou se concretizar. Há ainda outros conceitos de que nos valeremos para realizar a análise proposta. São eles: Interdiscurso, Intertextualidade, Formação Discursiva (FD) e Formação Ideológica (FI), os quais serão conceituados na sequência.

Como já foi exposto, no filme analisado está evidente a presença da ideologia, metaforizada na própria *Matrix*, programa de computador que controlava a vida dos seres humanos. Por isso, torna-se importante esclarecermos o que vem a ser ideologia e como ela se materializa na vida das pessoas.

A ideologia é um termo utilizado para designar o conjunto das ideias, isto é, ela se apresenta como

um 'fato' social justamente porque é produzida pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas uma certa maneira da produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais. (CHAUÍ, 1980, p. 13).

A mesma autora explana que “ideologia” continua sendo aquela atividade filosófico-científica que estudava a formação das ideias a partir da observação das relações entre o homem e o meio ambiente; também pode significar um conjunto de ideias de uma época. Assim sendo, podemos perceber que a palavra “ideologia” tem várias significações, dependendo de que lugar ou postura teórica se observa esse conceito.

A AD empresta o conceito de ideologia da teoria marxista, a partir da releitura feita por Althusser. Da perspectiva marxista, a ideologia, conforme Dresch

é entendida num sentido negativo, como ilusão, falsa consciência, inversão da realidade, funcionando como mecanismo que distorce e disfarça as contradições sociais. (In: INDURSKY e FERREIRA, 2005, p. 93).

Sendo assim, há duas concepções de ideologia. A primeira está diretamente ligada ao conceito marxista que vê a ideologia como um mecanismo que faz desaparecer a realidade social, apagando também as contradições que lhe são ligadas naturalmente e, com isso, faz-se visível um discurso ideológico que torna legal o poder de uma classe ou grupo social; a segunda noção de ideologia é entendida como uma concepção de mundo de uma determinada sociedade num determinado período histórico (RICOVER *apud* BRANDÃO, 1994).

Segundo palavras do mesmo autor, esses dois conceitos se cruzam no momento em que descobrimos que a linguagem não é neutra e que, por conseguinte, todo discurso é ideológico. Desse modo, a ideologia está presente nas mais diversas esferas discursivas, produzindo efeitos os mais variados possíveis, que vão desde a produção de identidades, criação de necessidades até as manipulações das pessoas para os mais variados fins. Podemos citar, nesse aspecto, os discursos que circulam na esfera da política, da religião, da propaganda, entre outros locais. Contudo, é preciso ter claro que todo discurso produzido, mesmo os aparentemente mais ingênuos possuem carga ideológica.

Portanto, pensando nessa interpelação constante dos sujeitos falantes pela ideologia, é interessante analisarmos como ocorre esse processo. Considerando que uma das funções da ideologia é transformar indivíduos em sujeitos, sabemos que, para que isso aconteça, é preciso que haja a interferência de dois mecanismos fundamentais: a interpelação e o (re) conhecimento. Esse processo inicia-se com a inserção do indivíduo, por meio desses mecanismos, em atividades comandadas por aparelhos ideológicos³, isto é, a partir do momento em que o cidadão entra em contato com a família, a escola, a igreja, etc.

Visto o que é ideologia e, tendo em vista sua relação direta com a língua, chegaremos ao conceito de discurso, que, como já foi esclarecido, é o ponto de encontro da língua e da ideologia, pois,

a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. (BRANDÃO, 1994, p. 12).

Portanto, o discurso é uma categoria geral, momento em que a língua

toca a ideologia, ou seja, *“o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”* (ORLANDI, 2002, p. 17). Nessa relação, existem várias formas de discurso, dependendo de sua filiação ideológica. É o que procuraremos explicitar a partir de alguns recortes de trechos do filme citado.

Podemos notar em *Matrix* a presença de diversos tipos de discurso, dentre eles, os que mais se destacam são o religioso (cristão e budista), místico, tecnológico (informática), literário (mitologia grega e literatura infantil), revolucionário, entre outros. Todos eles se complementam produzindo um texto que se volta à compreensão, de forma metafórica, do conceito de ideologia.

Matrix: uma análise discursiva

O filme analisado neste artigo apresenta em seu enredo uma série de relações com outros textos, porém transmitidos através de uma nova linguagem, utilizando para isso temáticas relacionadas à tecnologia, à internet e ao mundo moderno.

O enredo do filme centraliza-se na incessante busca de um jovem pela resposta de uma pergunta: O que é a *Matrix*? No decorrer dessa busca cheia de perigos, Neo, o protagonista do filme, descobre que está vivendo no futuro, que o século XXI foi marcado pela evolução da tecnologia e que a humanidade havia travado uma luta contra as máquinas e havia sido derrotada. O protagonista ainda se depara com os seres humanos sendo cultivados como plantas, para serem utilizados como meios de obtenção de energia para suprir as necessidades das máquinas. Depois disso, Neo desvenda o mistério da *Matrix*, que é um programa de computador criado pelas máquinas para controlar as ações e pensamentos dos seres humanos. Fica claro, assim, o objetivo principal de todos os personagens do filme: o alcance da liberdade. Em *Matrix* *“o suposto mundo real não se desvanece e os olhos pensam estar em caminhos especulares, quando nada mais é dado saber do que aquilo que a máquina previu que fosse visto”* (CATTELAN, 2004, p. 79). Vemos aqui a relação do filme com a ideologia, que é a forma como vemos o mundo, ou seja, *“é a maneira pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, e esta relação é necessariamente imaginária”* (ALTHUSSER *apud* BRANDÃO, 1994, p. 22). Deparamo-nos com esta relação na obra cinematográfica no momento em que as pessoas acreditam estarem vivendo suas próprias vidas de maneira autônoma, realizando seus desejos, quando, na

verdade, estão apenas reproduzindo uma vida já programada sem perceber que esta vida não existe de fato.

Sendo assim, um dos aspectos presentes no filme, que vale a pena ser enfatizado, é o discurso dos personagens, os quais, muitas vezes, possibilitam outros sentidos, diferentes do esperado e dado pelo interdiscurso, ainda, em muitos momentos, fazem relação com outra situação, que não aparece nitidamente, numa primeira leitura. No campo da análise de discurso, "*procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história*" (ORLANDI, 2002, p. 15), portanto, é através da superfície do texto que chegamos ao objeto discursivo. Assim, nas cenas que serão mencionadas, é a exterioridade, a relação com o contexto (imediate e não imediato) que permite determinados efeito(s) de sentido. Sendo assim,

os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista tem de aprender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. (ORLANDI, 2002, p. 30).

Considerando esse aspecto, selecionamos um enunciado exposto no filme *Matrix* com o propósito de analisá-lo, levando em consideração alguns conceitos da teoria da Análise de Discurso de linha francesa. O referido enunciado aparece logo no início do filme, através de uma exortação, quando Neo, personagem principal do filme, recebe uma convocação misteriosa de um grupo clandestino sob o comando de Morpheu. A mensagem, enviada na tela do computador, diz o seguinte:

Acorde Neo... A Matrix te achou. Siga o coelho branco

Para podermos analisar o enunciado supracitado, primeiramente é necessário que compreendamos os conceitos de Formação Discursiva (FD) e Formação Ideológica (FI) e quais são suas relações com os sentidos que se produzem em nossos discursos. As formações discursivas são agrupamentos de discursos em função de algumas regularidades que possam ser observadas.

Desse modo, entendemos que a Formação Discursiva é aquilo que determina o que pode e deve ser dito dentro de uma formação ideológica, ou seja, o que falamos não tem um sentido em si mesmo, mas é derivado de uma determinada formação discursiva que, por sua vez, se origina de uma formação ideológica (ORLANDI, 2002).

Sendo assim, entendemos que as formações discursivas são dentro do discurso o mesmo que as formações ideológicas são para uma sociedade. E como os sentidos são construídos ideologicamente, não há sentido sem ideologia; o sentido provém da ideologia. Portanto, é a formação discursiva que nos permite compreender os vários e diferentes sentidos dentro dos discursos, isto é, muitas vezes palavras iguais podem ter significados diferentes, pois estão inseridas em diferentes formações discursivas.

Como já foi exposto, a Análise de Discurso, *“produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade”* (ORLANDI, 2002, p. 18). Em outras palavras, é uma área que descreve e interpreta como o(s) sentido(s) se produzem, a partir da materialidade lingüística, no nível intradiscursivo, portanto.

Considerando que a Formação Discursiva *“é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso”* (ORLANDI, 2002, p. 43), podemos analisar o enunciado escolhido no filme *Matrix*, verificando os possíveis discursos existentes e suas relações com as formações discursivas a que pertencem, assim como sua formação ideológica.

Dessa forma, percebemos que o enunciado *siga o coelho branco* apresenta um duplo sentido, se levarmos em conta o fato de que as palavras mudam de sentido conforme suas condições de produção. O mesmo pode ser compreendido de modo literal como um pedido para que siga um animal específico, que seria um coelho branco. Contudo, é fácil perceber que o enunciado dialoga intradiscursivamente com o texto *Alice no país das maravilhas* (CARROLL, 1997) o qual se configura como um discurso literário: no texto referido a menina segue o coelho branco a fim de descobrir um lugar maravilhoso. E, quanto a esse aspecto, Neo, em *Matrix*, também é induzido a seguir o coelho branco, pois esse o levaria a descobrir a verdade sobre o “mundo perfeito”, originado pela tecnologia das máquinas. O coelho branco, citado no texto, poderia perfeitamente ser substituído por outro animal, ou, pelo menos, não ser comparado com o coelho da história infantil, mas, se isso

ocorresse, o sentido seria outro, uma vez que o efeito de sentido não está na metáfora do coelho, mas na relação com *Alice no País das Maravilhas*.

Já com relação ao enunciado *Acorde Neo*, percebemos a semelhança com o discurso materno, ou seja, podemos relacioná-lo com a fala de uma mãe acordando o filho pela manhã. Também pode ser comparado a um discurso revolucionário, chamando o indivíduo a “acordar” para a vida. A partir disso, podemos perceber como os enunciados são investidos de sentidos diferentes quando se filiam a uma ou outra formação discursiva. A palavra “acorde”, do nível intradiscursivo, aponta interdiscursivamente para diferentes Fd’s.

No restante do enunciado, *A Matrix te achou*, há uma formação discursiva de perseguição, de controle, como se alguém estivesse sendo perseguido e, finalmente, fosse encontrado. Conforme vimos nas análises acima, uma mesma palavra ou um mesmo enunciado podem ter sentidos diferentes, tudo depende do contexto, da época, do lugar e da pessoa que o produziu, ou seja, depende de suas condições de produção e da filiação a uma ou outra formação discursiva. Esta, como já foi exposto, está diretamente ligada às formações ideológicas que, por meio da memória discursiva dos falantes e do esquecimento a respeito de sua própria interpelação, fazem as palavras produzirem sentido. Isto é, não há sentido sem ideologia.

O interdiscurso e o intradiscorso em *Matrix*

Para que todo enunciado ou discurso seja efetivamente entendido, devemos levar em conta as condições de produção que englobam a memória, os sujeitos e a situação em que os mesmos estão envolvidos. As condições de produção podem compreender o contexto imediato ou o contexto amplo - sócio-histórico e ideológico. O primeiro pode ser entendido como a situação imediata e empírica de produção do enunciado, em que se deve observar: quem disse, para quem disse, como disse, quando disse? Já o contexto amplo faz menção aos elementos que provêm de nossa sociedade e seu tempo-contexto sócio-histórico-ideológico.

Por outro lado, a memória também é muito importante para as condições de produção de um enunciado. Quando relacionada com o discurso, a memória é tratada como interdiscurso, aquilo que já foi falado em outra época e em outro lugar, ou seja, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2002, p. 31).

Percebemos nos enunciados analisados relações intradiscursivas e

interdiscursivas. Como mencionado, o interdiscurso é um conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que falamos, já o intradiscurso é o eixo da formulação, o que efetivamente é dito. Deste modo, o interdiscurso disponibiliza dizeres, atualizando pelo já dito, aquilo que estabelece uma formação discursiva em relação à outra. E no intradiscurso podemos perceber as relações de um texto com outros textos efetivamente produzidos (ORLANDI, 2002). Porém, nessa relação o esquecimento não é estruturante, como o é para o interdiscurso: o falante/locutor “sabe” que está usando um texto alheio, o que as teorias textuais chamam de intertextualidade (KOCH, 1987). Posto isso, prosseguiremos com uma breve análise das relações intradiscursivas e interdiscursivas presentes nos discursos dos personagens do filme.

Além do exemplo analisado, ou seja, o enunciado *siga o coelho branco* trabalhar numa relação intradiscursiva com o livro *Alice no País das Maravilhas* , podemos citar também a obra *Édipo Rei* , mais precisamente, no momento em que Édipo vai consultar o oráculo a fim de saber qual o motivo de seu reino estar em crise. Isso também ocorre no filme no momento em que Neo consulta o oráculo para saber como seria o futuro e se, realmente, era ele o “escolhido”. Por isso, podemos afirmar que o filme *Matrix* também pode ser relacionado à literatura grega, já que há uma clara relação intratextual estabelecida, sobretudo, pela relação com a palavra “oráculo”, que remete ao texto anterior.

No que diz respeito à interdiscursividade, podemos associá-la às formações ideológicas que são “*um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras*” (HAROCHE, apud BRANDÃO, 2004, p. 47).

No filme, a interdiscursividade pode ser verificada de maneira explícita no momento em que se referem a Neo como “o escolhido”, pois esse enunciado nos faz recordar Jesus Cristo que foi “o escolhido”, porém, para ser o filho de Deus. Assim como Jesus, Neo também foi “o escolhido” para salvar a humanidade, ser o “salvador”. Não se trata de um caso de intertextualidade, tal como é vista pela Linguística Textual, uma vez que não faz referência a um texto efetivamente produzido, mas a algo que podemos reconhecer a partir da nossa memória discursiva. Também, vale a pena ressaltar, o enunciado *Tudo o que ofereço é a verdade* , pois nos remete à religião católica e pode ser comparado ao texto bíblico: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida*” (BÍBLIA, JOÃO, 14,6). Nesse excerto, a relação intradiscursiva aparece de forma clara, apesar de implícita, uma vez que a fonte não é citada no texto, mas facilmente reconhecida pelos

interlocutores.

Dito isso, é interessante apurarmos a relação entre interdiscurso e intradiscurso, sendo que o primeiro ao longo do dizer tem sua memória afetada pelo esquecimento; já o segundo fica restrito à relação entre o efetivamente dito. Contudo, tanto o interdiscurso quanto o intradiscurso geram e movimentam as relações de sentido. Ainda, é preciso não confundir interdiscurso com formação discursiva. O interdiscurso, como já mencionamos, é algo que já foi dito antes e, depois de marcado pelo esquecimento, começa fazer sentido em outra época, ou seja, o “eixo dos dizeres”; e formação discursiva é aquilo que determina o que podemos ou não dizer, espécies de regionalizações do interdiscurso, quando conseguimos perceber algumas regularidades entre os dizeres. Percebendo o funcionamento do interdiscurso, do intradiscurso e das formações discursivas na formulação dos dizeres em *Matrix*, podemos compreender que os mesmos se estabelecem, se organizam em função da ideologia, pois sem ela não haveria sentido entre os discursos.

Como vimos, um mesmo enunciado tem várias possibilidades de compreensão e, ao interpretá-lo, não se pode ficar preso a um só sentido. Dessa maneira, em um enunciado, por mais simples que seja, há muitas coisas implícitas e explícitas, muitas ideologias sendo materializadas. E, nos discursos do filme *Matrix*, não poderia ser diferente. Como pudemos verificar, o texto analisado apresentou vários discursos, nos quais inúmeras vezes alguns efeitos de sentido passam despercebidos aos olhos dos telespectadores.

Considerações finais

Sendo a ideologia algo que dita ou regula as práticas discursivas na sociedade, impondo regras, evidenciando costumes, interferindo na vida das pessoas e determinando como e o que devemos ser, fazer e, principalmente, dizer, podemos compará-la com o filme *Matrix*.

No filme, pudemos ver que o mundo estava sendo transformado e dominado pelas máquinas, tudo graças a um ideal capitalista que usou a tecnologia como uma arma poderosa para obtenção de riquezas. Assim como este ideal capitalista transformou o mundo em outra realidade, na ideologia “*a realidade é constituída por ideias, das quais as coisas seriam uma espécie de receptáculo ou de encarnação provisória*” (CHAUÍ, 1980, p. 8), ou seja, o ideal ou as posições sustentadas por um grupo de indivíduos, que se manifesta via discurso, pode determinar o espaço em que vivem, tornando-o outra realidade.

Matrix, portanto, é a metáfora da própria ideologia, que permite com que os sujeitos se constituam e passem a ver o mundo segundo uma perspectiva

que lhes é dada, tornando-os sujeitos “assujeitados”.

Notas

* Professora colaboradora do curso de Letras/Português do *campus* de Irati, da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO.

** Acadêmica do 3º ano do curso de Letras/ Português do *campus* de Irati, da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO.

¹ Não estamos aqui nos referindo ao “fim do mundo” enquanto ligado a crenças populares, místicas e religiosas, mas apenas fazendo menção às falhas nos sistemas de computadores.

² Teoria proposta por Roman Jakobson e bastante divulgada no Brasil nos anos 60.

³ Conceito cunhado por Louis Althusser na obra *Aparelhos Ideológicos do Estado*.

Referências

Bíblia Sagrada. 174ª ed. São Paulo, SP: Editora Ave-Maria, 2007.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à Análise do Discurso.** 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Trad. e adapt. Nicolau Sevckenko. 9ª ed. São Paulo: Scipione, Série Reencontro, 1997.

CATTELAN, João Carlos. Matrix!?. In: GREGOLIN, M.R.; BARONAS, R. **Análise do discurso: as materialidades do sentido.** São Carlos: Claraluz, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

DRESCH, Márcia. Ideologia- um conceito fundante na/ da Análise do Discurso- considerações a partir do texto. Observações para uma teoria geral das ideologias de Thomas Herbert. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar.** São Carlos: Claraluz, 2005.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

P O L O , P . **The Matrix.** Disponível em : <<http://www.cinemanet.com.br/matrix.asp>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

GODOY, N. **A ameaça dos dois dígitos.** Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/digital/bugdomilenio.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2009.

Recebido em: maio de 2010.

Aprovado em: agosto de 2010.